

RESPOSTA ÀS QUESTÕES DE UM PROVINCIAL

PIERRE BAYLE

TRADUÇÃO DE MARCELO DE SANT'ANNA ALVES PRIMO *

CAPÍTULO XX. *Reflexão sobre a máxima dos Políticos que a Religião é a base da Sociedade. Quanto a diversidade de religiões é pernicioso ao Estado. Se o Papismo seria mais temido na Inglaterra que o Espinosismo. Passagem notável do Sr. Abbadie.*

[*Que os Políticos só vêem como o fundamento da segurança pública a Religião que lhes parece boa.*] Poderíeis objetar-me que os Políticos supõem ordinariamente como uma primeira verdade nas máximas do Estado, que a Religião é a base da segurança pública, & o pilar¹ ou o fundamento das Sociedades. Esta objeção foi examinada pelo Sr. Bayle em 1694. Vejais, por favor, o que (a)² ele respondeu & deixe-me acrescentar um pequeno esclarecimento. Não se deve crer que os Políticos falem assim da Religião em geral; eles só pretendem falar da Religião que lhes parece boa porque, para as outras, eles consideram-nas como uma peste no Estado, & e toleram-nas por pura necessidade ou aí tomando toda sorte de precauções. Aliás, é preciso que eles subentendam que a Religião que estabelecem & que supõem dever ser o fortalecimento da Sociedade não será exposta ao cisma, pois eles são muito persuadidos que não há situação mais perigosa ao Estado nem mais capaz de perturbá-lo, do que quando ele se eleva das Seitas. Não há aí partido a tomar sem algum triste inconveniente. Se elas são toleradas com uma condição vantajosa,

inspiram-lhe a audácia (b)³ de aspirar à igualdade, & depois à superioridade, o que seria somente uma fonte de animosidades & de divisões. Se elas são privadas de todos os empregos do governo, indispõem-se contra o Estado; elas lançam os olhos sobre qualquer estrangeiro, & e principalmente quando seus dogmas dominam em algum país vizinho. Massacrando-as, torna-se odioso & se enfraquece o Estado. Expulsando-as, enfraquecem-no ainda mais, porque os (c)⁴ exilados buscam a ocasião de se vingar. Forçando-os à profissão exterior da Religião dominante, fazem inimigos intestinos muito perigosos. Um Escritor muito hábil de Política bem observou há muito tempo. (d)⁵ Falando lucidamente dessas Reformas de Religião feitas à força, quase não saber-se-ia evitar este inconveniente, que aqueles que abandonam sua Pátria por não ter o livre exercício de sua Religião, não agitam o Céu e a Terra para aí retornar: & que aqueles que privam-se do exercício de sua Religião para não abandonar a sua Pátria, sejam de ordinário somente Inimigos escondidos, & Católicos Mascarados, que não farão o papel de súditos fiéis, que esperam que algum libertador se apresente para tirá-los da servidão.

[*A maioria sustenta com os Teólogos que aí deva ter somente uma.*] Seria fácil provar que a maioria

* Doutorando em Filosofia na Universidade Federal da Bahia e bolsista CAPES/PDSE. Os subtítulos em colchetes são baseados na edição das *Œuvres Diverses* de Bayle, 1737, t. III.

¹ No original “colonne”. (N. do T.).

² (a) Na *Adição aos Pensamentos sobre os cometas*, Resposta à minha objeção, cap. IV, p. 178, 2 col. (N. do A.).

³ (b) Ver no *Dicionário Histórico & Crítico* a nota C do artigo *Abdas*. (N. do A.).

⁴ (c) Balzac observa que, em seu *Aristipo*, pag. m. 68 “que os Príncipes recebem de braços abertos um Banido que tornou fácil a conquista de seu país. Quanto mais forte a razão eles ouvem um grande número de fugitivos que se oferecem a mostrar os caminhos & que asseguram que têm inteligências por toda parte, &c.”(N. e itálicos do A.).

⁵ (d) Silhon, 3 parte, do *Ministre d’État*, livro 4, cap.17, pag. m. 362. (N. do A.).

dos Políticos sustentando de um lado que o Estado não pode prescindir de Religião, sustentam por outro (e)⁶ aí deva ter somente uma Religião. Os Teólogos, em geral, conformam-se a esta ideia; eles confessam que a diversidade de Religiões é não somente um mal Eclesiástico, mas também um mal Político que é preciso evitar enquanto possível (f).⁷ Se eles possuem algumas vezes uma outra linguagem, é quando eles são o partido que pede para ser tolerado.

[Rigidez dos Presbiterianos da Escócia a esse respeito.] Não ignoreis que na Escócia não é permitido aos Episcopais fazer exercícios de Religião, & entretanto, sua Religião é a da Princesa que reina na Escócia. Estejais bem persuadido que se esta Rainha aí estivesse ela poderia, no máximo, celebrar o serviço divino segundo o título dos Episcopais que em sua Capela doméstica, & que se empreendesse celebrá-lo em algum Templo, ela encontraria novos (g)⁸ Ambrósios que a forçariam a desistir de suas pretensões. Eu não sei se vós ouvistes dizer que um grande Prelado da Inglaterra glorificou (h)⁹ os Prebisterianos na Câmara Alta do Parlamento, de que em algumas reuniões eles tinham antes escolhido serem privados da tolerância, que facilitar aos Papistas o meio de obtê-la. Poder-se-ia melhor assinalar por aí sua intolerância por certas Religiões & o julgamento que foi feito que elas são muito perigosas à República? Jamais se escreveu nada de mais forte e mais vivo contra o dogma da tolerância que o

que os Prebisterianos debitarão para combatê-la em meados do século XVII, quando não se tratava ou de tolerar a Igreja Anglicana já suprimida ou de tolerar o Papismo abolido depois de muito tempo, mas de conceder a liberdade de consciência à Seitas inimigas do Papado & de toda Hierarquia. É só ler as compilações de Sr. Lestrage (i)¹⁰ em seu *Não-Conformista Inglês*. Os Protestantes da Suécia & da Dinamarca fizeram certos STATUS REAIS em virtude dos quais se algum Luterano desses Países venha a se tornar Católico, ele perde todos os seus bens, seus Cargos & Condições, & mesmo a sua vida não está em segurança. Até os Reis desses Reinos estão inclusos nesta primeira & principal condição de ESTAR E PERMANECER SEMPRE LUTERANOS sem jamais tornarem-se Papistas nem pretensos REFORMADOS, & de jamais PERMITIR outro exercício que o LUTERANISMO.(k)¹¹

[Problemas que os Cismas causam em um Estado.] Eu não esqueço uma coisa a qual os Soberanos alarmam-se muito no surgimento de um Cisma, é que eles têm motivo de apreender que os Inovadores não dividem-se em muitas Seitas que, malgrado suas violentas disputas, reunirão todas as suas forças quando tratar-se-á de arruinar a Igreja que eles deixarão. Suas divisões, em caso semelhante, aumentam as confusões públicas sem que ela possa aproveitar da discórdia dos desertores. As disposições do homem em diversificar prodigiosamente a Religião não podem ser ignoradas. Temos em Santo Agostinho & em alguns outros Padres a lista das Seitas que formaram-se entre os antigos Cristãos. As que se formaram nos séculos seguintes não faltaram fazedores de catálogos. Por mais espantosa que possa ser a variedade dessas seitas, ela é infinitamente menos que a qualidade monstruosa de suas opiniões, que espalham no espírito uma desordem completamente vergonhosa à espécie humana & no coração uma corrupção abominável. Os efeitos dessas divisões de Religião não prejudicam pouco o Estado: cada seita se apaixona contra as outras, é uma fonte de animosidades que estraga o coração. Isto faz uma grande

⁶ (e) Ver Lipso *de una Religione adversus Dialogistam*. (N. do A.).

⁷ (f) Não é necessário indicar provas da intolerância dos Papistas. Ela é bastante conhecida, mas quanto às provas da dos Protestantes, eu remeto aos Capítulos 7 & 8 d e um livro impresso na Cracóvia no ano de 1616, intitulado *Petatus impacatus ad examen vocatus, Autore Lucio Vero Pacato Cosmopolitano* (isto é, Mathieu Bemous, Jesuíta Polonês) & à carta do Príncipe Ernest de Hesse ao Ministro de Charenton pp. 46 & 47, editado em Liège, 1663. Pode-se ver, no mais, sua réplica à Drelincourt, p. 285. Ver também acima I parte, cap. IX, no início. (N. do A.).

⁸ (g) Ver Sr. Fléchier *Histoire de Théodose liv. 3, n. 49 & seg.* os vãos esforços da Imperatriz Justine. (N. do A.)

⁹ (h) Ver a arenga do Sr. Bispo de Salisburi, no fim do livro intitulado *Relation des procédures au sujet du Bill de la conformité occasionelle*, impresso em Amsterdam, 1704. (N. do A.).

¹⁰ (i) É uma Obra a qual publicaram em Londres uma tradução Francesa, no ano de 1684, em 4. (N. do A.).

¹¹ (k) Réplica do Príncipe de Ernest de Hesse ao Senhor Drelincourt, pag. 261, edição de Liège. (N. do A.).

diversão dos cuidados que cada particular deve tomar do repouso & da prosperidade da República, & não permite que um Soberano dê toda a sua aplicação aos principais negócios do Estado. Ele tem necessidade de consagrar uma parte de sua vigilância a acalmar ou a prevenir as desordens dessas facções eclesiásticas. Asseguro-vos que os Príncipes da Alemanha que abraçaram o Luteranismo não foram mediocrementemente intrigados pelas disputas que elevaram-se entre seus Teólogos. As Ilhas Marianas & as outras (l)¹² que descobriram há pouco expuseram-se a este tipo de problemas?

[Se a Inglaterra acharia melhor repovoar.] Eu passo a uma questão que foi proposta ao Sr. Bayle no ano de 1694.(m)¹³ “Genebra corria uma maior perigo de perder a sua liberdade se uma parte de seus habitantes fossem zelosos pelo Papismo, & conduzidos por Monges do que se eles fossem indiferentes sobre o capítulo da Religião?” Proporei uma questão semelhante ao Sr. Bernard. Se a peste tornasse desertas algumas Províncias da Inglaterra, & que precisasse necessariamente escolher para repovoá-las ou uma colônia de Espinosistas ou uma colônia de Papistas bem provida de Missionários pela Congregação de *Propaganda*, acreditaria ele que o Parlamento da Inglaterra preferiria esta à aquela? Estou certo de que ele me responderá que não, & que seria o primeiro a condenar um Parlamento que ordenasse uma tal preferência. Não há Protestante na Inglaterra que não temesse mais problemas & mais desordens no governo se a nova tribo¹⁴ fosse muito zelosa pelo Papismo, do que se ela não se preocupasse nem com o Papismo nem com outra Religião.

[O que o Sr. Abbadie responderia sobre tal questão.] Pode-se adivinhar o que o Sr. Abbadie responderia sobre tal caso de consciência, porque em um livro que ele publicou quando era Ministro de uma Igreja Francesa em Londres no ano de 1693 ele sustentou (n)¹⁵ que a lepra, a ociosidade, a ausência, o emprego do poder

arbitrário, a impiedade, a crueldade, que tinham sido a causa do destronamento de certos Príncipes, eram razões menos fortes que a que tinha levado os Ingleses a destronarem Jaques II. Esta razão era seu grande zelo pelo Papismo.(o)¹⁶ Quanto *á* precisar-se-ia que a impiedade pela qual depuseram Constantino Coprônimo não fosse tão certa como a superstição de Jaques II? Aliás, A IMPIEDADE FOI ALGUMA VEZ TÃO CRUEL COMO A SUPERSTIÇÃO? O Ateísmo derramou em todos os SÉCULOS TORRENTES DE SANGUE HUMANO? Um príncipe incrédulo, para ser incrédulo, é determinado à perda de sua pátria como um Monarca devoto, qui est factus pius & sceleratus eodem, & o qual a severidade chama-se Crudelitas nobiliata religione? Em seguida, Sr. Abbadie mostra que a crueldade da Religião Romana ultrapassa todas as outras espécies de crueldade visto que ela é uma tirania necessária, universal, consumada, eterna & e completamente incurável. Sr. Saurin (p)¹⁷ teria adotado sem dúvida todos esses axiomas do Sr. Abbadie.

[Se os protestantes temem mais os Ateus que os Papistas.] Estou certo que de todos os Protestantes Franceses que foram banidos de sua Pátria não tenha, nem mesmo entre aqueles que foram menos maltratados pelos dragões, que não estejam prontos para assinar que valeria mais às Igrejas Reformadas da França terem um Rei espinosista & o qual todos os outros teriam sido espinosistas, que ter um Monarca cheio de zelo pelo Papado, & o qual a maior parte dos Súditos estariam animados pelo mesmo espírito. Efetivamente, se o Rei da França & todos os outros Súditos não tivessem tido nenhuma religião, eles pouco se preocupariam se os Huguenotes tivessem uma, visto que, de resto, ele os observasse afeitos ao Estado & perfeitamente submetidos às leis civis. Se consultássemos os Suecos que estabeleceram a pena de morte (q)¹⁸ contra os de sua Nação que

¹² (l) Ver acima Cap. XII, no início. (N. do A.).

¹³ (m) *Adição aos Pensamentos diversos sobre os Cometas*, pag. 91 (N. do A.).

¹⁴ No original “peuplade”. (N. do T.).

¹⁵ (n) Abbadie, *Defense de la Nation de Britannique*, p. 359, edição de la Haie. (N. do A.).

¹⁶ (o) *Id. Ibid.*, p. 360. (N. do A.).

¹⁷ (p) Ver o que ele disse do Papismo em sua resposta ao *Comentário Filosófico*, pag. 619 & seg. (N. do A.).

¹⁸ (q) Este fato explicado pelo Sr. de Meaux foi negado por alguns Autores refugiados. Ele foi provado em seguida. Vê-se aí uma nova Prova nas *Memoires du Chevalier de Terlon* p. 313, edição de Holl. Ver também p. 356 & conferir acima página precedente, 2 col. (N. do A.).

abracem o Papismo; se consultássemos os Dinamarqueses & os Suiços dos quatro Cantões Protestantes, todos eles nos responderiam que a tolerância do Papismo seria mais de se temer & mais perniciosa à seu Governo, do que a tolerância dos Espíritos Fortes, ou dos Incrédulos; de modo que a tese do Sr. Bernard, proposta não em termos capciosos & vagos, como ele a forneceu, mas em termos de precisão, seria logo esmagada pela multidão inumerável dos que protestariam que o Papismo é mais perigoso que o Ateísmo em uma Sociedade Protestante. Logo, é certo que os Papistas (*r*)¹⁹ parecem que têm tanto medo da seita de Lutero & da de Calvino como elas têm do Papado. Eles imaginam que elas são animadas por um zelo tanto mais furioso de destruir os Ídolos & o reino da Besta ou do Anticristo, que é um zelo fundado sobre as ordens do Apocalipse. Eles esmagariam então, por sua vez, a tese do Sr. Bernard: eles diriam que a tolerância dos Ateus seria menos perigosa que a dos Heréticos, porque estes seriam levados pela avareza & pelo zelo de Religião à se engordarem dos bens da Igreja, ao passo que os outros aí seriam levados, no máximo, pela avareza. Não é preciso duvidar que um Parlamento da Inglaterra & um Parlamento da Escócia compostos por Católicos Romanos declarassem incapazes de suceder à Coroa os ramos Protestantes da Família Real, como os ramos Papistas foram declarados incapazes por esses mesmos Parlamentos Não-Católicos Romanos. É só se lembrar da Liga, que não quis jamais reconhecer os direitos de Henrique IV enquanto ele foi da Religião Reformada.

[Porque o Cardeal Richelieu fez a guerra aos Reformados.] Estejais certo que a Côrte da França que agitara-se tão violentamente no século XVI contra os da Religião, estaria menos alarmada se, em lugar deste partido, fosse formado um outro, que não tivesse exigido nem Ministros, nem Sínodos, nem Templos, mas somente a liberdade de não assistir aos Divinos Ofícios, também pronto a se conformar às Ordenanças, a pagar os Dízimos, a dar esmola aos Religiosos

¹⁹ (*r*) Observeis bem que eu não pretendo dizer que eles tenham razão: falo somente do fato, tal como se pode ler nas obras de muitos Católicos Romanos. (N. do A.).

Mendicantes, a honrar os Eclesiásticos & a fazer tudo o que concerniria ao bem temporal do Estado, & a nada fazer que pudesse prejudicar a Catolicidade. Se um tal partido tivesse obtido Editos de tolerância, teria sido menos exposto à indignação dos Padres & dos Papistas zelosos; porque não teria pregado contra o Papa nem contra os Eclesiásticos, nem experimentado fazer perversões. Se ele tivesse obtido lugares de segurança, o Cardeal de Richelieu não incomodar-se-ia em tirar-lhes, como ele trabalhou com todas as suas forças em tirar dos Protestantes os que estavam entre suas mãos. Eu não examinarei se sua política foi boa (*s*)²⁰; basta-me saber que ele imagina que a França não podia nada empreender fora para o bem comum da Europa, enquanto eles formavam uma espécie de República no Reino, & que os Ingleses, naturalmente inimigos da Monarquia Francesa, sempre estavam prontos para fazer armamentos em favor dos Rocheleses. Ele acreditou que os descontentes, os espíritos confusos & facciosos seriam sempre formidáveis & que eles manteriam o Rei sob uma espécie de servidão, enquanto eles lisonjear-se-iam de excitar guerras civis de Religião. Assim, é certo que eles se perguntassem se eles eram bastante loucos para deixarem tomar a Rochelle. Ele não ignorava a vantagem que os Espanhóis tirariam de (*t*)²¹ que os da Religião eram tão poderosos na França, & (*u*)²² *ele não fingia dizer que a tomada da Rochelle não causaria menos lamento & mortificação a esses bons Católicos, que aos próprios Huguenotes.* Mais ele conhecia que estes eram opostos à indiferença sobre as matérias de fé, mais ele os temia. Todo mundo pende para um semelhante raciocínio.

²⁰ (*s*) Pode-se ver na vida do Padre Joseph, composta pelo Sr. Abade Richard, as razões que esse famoso Capuchinho empregara para persuadir de fazer a guerra aos Huguenotes. Noteis que o Sr. Jurieu, pag. 20, da *Politique du Clergé* confessara que “foi por uma sabedoria política que esse Cardeal tirara aos Huguenotes suas cidades de segurança. Ele via que era um Estado em um Estado & que essas cidades eram retiros de rebeldes & de descontentes.” Sr. Jurieu faz falar assim um de seus interlocutores, sem refutá-lo em seguida. Consulteis Silhon no cap. I do 3 livro da 2 parte de seu *Ministre d’État*. (N. do A.).

²¹ (*t*) Ver o Senhor L’Héritier em seu *Tableau Historique de la France*, pag. 239, 241-243. (N. do A.).

²² (*u*) L’Héritier, *ibid.*, pag. 279. (N. do A.).

[*Que os Protestantes da França achariam melhor ter a fazer com Juizes sem Religião do que com Juizes Católicos.*] Pois, se um Protestante da França pleiteando contra um Padre diante de Juizes Católicos, teria a liberdade de recusar quatro, não duvidemos que os Ministros não tivessem-lhe aconselhado recusar os mais fanáticos, & de bem atentar em recusar os que teriam sido suspeitos de Deísmo & de não ter outra regra interna que não o desejo de se passar por pessoas de honra. Ele aí não saber ter maior fonte de injustiças em uma Sociedade, em geral, (v)²³ que quando estando repartida em diversas Religiões, (w)²⁴ todos os Tribunais são ocupados pelos sectários da que tem mais aversão por todas as outras. Um dos principais frutos que os Protestantes da França se propuseram de se retirarem das guerras civis foi não ter de pleitear diante de Juizes que fossem todos Católicos. Eles acreditavam que sem isso perderiam todos os seus Processos quanto um Papista aí estivesse interessado. Teriam eles tido o mesmo medo, se lhes tivessem indicado Juizes que não fossem nem Cristãos, nem Maometanos, nem Judeus, nem Pagãos, mas bons Jurisconsultos, & Idólatras do que está em primeiro lugar? Mais se quisesse detalhar, mais mostrar-se-ia evidentemente que em caso de cisma & de parcialidades de consciência, a Religião é contrária ao repouso público. Mas, como imagino-me que vós não tenhais necessidade de um maior detalhe, contentar-me-ei em fixar-vos em três considerações gerais, que não se pode muito frequentemente mostrar quando se trata da matéria que discutimos aqui.

[*Se o Ateísmo causaria mais problemas em um Estado que duas Religiões opostas.*] Primeiramente, devei-vos considerar que quando há em um Estado duas Religiões as quais cada uma crê que a outra é inimiga de Deus & o grande caminho da condenação eterna, as animosidades tornam-se tão grandes que cada Seita imputa à outra (x)²⁵

²³ (v) Acrescente-se esta restrição porque exceções são conhecidas. (N. do A.).

²⁴ (w) Conferir o *Dictionnaire Hist. & Crit.*, na nota F do artigo *Grandier*. (N. do A.).

²⁵ (x) Foi a injustiça dos Pagãos contra os Cristãos como os Padres aí se lamentaram. Elmenhorit em seu Comentário sobre Arnóbio, pag. 2 & 3 indica vários Padres que refutaram essa censura dos Pagãos: & ele mostra também que os Cristãos aí serviram-se contra os Pagãos. (N. do A.).

de atrair sobre toda a Sociedade as maldições de Deus; a peste, a fome, as inundações, as tempestades, a perda das batalhas, &c. Então, a Seita que tem o ouvido do Soberano, não deixa de fazer-lhe seus protestos & de dizer-lhe que para fazer cessar esses flagelos de Deus, ele deve impedir que a heresia não seja mais pregada em seus Estados ou que a Idolatria não seja mais suportada. Ele render-se-á tão facilmente a esses protestos que será persuadido com todos os seus Teólogos que os Heréticos, ou os Idólatras, não estão de forma alguma de boa fé em seu erro, (y)²⁶ mas por um efeito de sua malícia; de modo que não é preciso mais desculpar suas blasfêmias & suas impiedades sob pretexto de pretensos direitos da consciência, como os homicídios cometidos por pessoas que estavam bêbadas. Que problemas, que desordens são a consequência de uma tal preocupação, que jamais recairá no espírito de um Espinosista!

[*Se os falsos zelosos, em fato de Religião, poderiam ser contidos pelos motivos que conteriam Espinosistas.*] Em segundo lugar, devei-vos considerar que as consciências tomadas de um falso zelo de Religião não podem ser contidas pelos móveis que um Espinosista. A razão, o respeito pelo Público, a honra humana, a feiura da injustiça o impedirão frequentemente de prejudicar o seu próximo. Mas um homem que se persuade que exterminando as heresias ele avança no reino de Deus (z)²⁷, & que ganhará um mais alto grau de glória no Paraíso, após ter sido admirado sobre a terra, coberto de louvores & de presentes, como o protetor da verdade; um tal homem, digo, lançará aos pés todas as regras da Moral & bem longe de ser freado por remorsos, sentir-se-á levado por sua consciência à servir-se de todos os tipos de meios para impedir que não se continue a blasfemar o Santo

²⁶ (y) Os Protestantes são tão rígidos aí como os Católicos Romanos. Pode-se julgar pelo Sr. Saurin, que estabeleceu eternamente esse princípio na Obra mesma que eles combate os intolerantes indignados. Conferir acima 2 Part. Cap. CLXXVIII, pag. 880, I col., no fim. (N. do A.).

²⁷ (z) Noteis que Jesus Cristo declara que os que matariam seus Discípulos, acreditariam render serviço a Deus. Ver o Evangelho de São João, cap. 16, v. 2. Ver acima o começo do cap. II da 4 parte desta Obra. (N. do A.).

nome de Deus & para estabelecer a ortodoxia sobre as ruínas da heresia ou da idolatria. Que destruições isto não causa em uma Sociedade! Poderiam elas serem temidas da parte dos Espíritos Fortes? Essas destruições aumentam pela resistência do partido que se quer oprimir & que, de seu lado, se (a)²⁸ persuade que pela glória de Deus ele deve fazer de modo que o perseguidor caia em ruína.

[O que o Chefe²⁹ de Montmorenci dizia das novas Religiões.] Em terceiro lugar, é preciso que observei-vos que a Religião dominante que se vê perturbada em sua possessão, não deixa jamais de dizer que os Inovadores são inimigos do Estado, & não tem menos em vista de aí mudar o governo temporal, que na doutrina Eclesiástica. *Tenho bastante vivido*, dizia o Chefe de Montmorenci, *para aprender que os Estados não mudariam de Religião sem mudar de forma & que, se os Calvinistas enfim obtivessem a liberdade que eles pretendiam, a Monarquia degeneraria pelo menos em Democracia.* (b)³⁰ Ainda que esta máxima não seja sempre conforme à experiência, não se deixa de servir-se para interessar os Soberanos pelo ciúme de sua autoridade em se opor às novas Seitas, & persuadem-lhe tanto mais facilmente que é provável que os cismáticos não abandonariam a Religião do Estado, se eles não se creem engajados pelo motivo de arruinar o império do Diabo & de estabelecer o reino de Deus. Logo, não há meio mais seguro de chegar a isso do que ganhar a autoridade soberana, foi preciso fazê-la passar por outras mãos mais favoráveis aos Inovadores que aqueles que a exercem segundo as antigas leis. É fácil compreender que uma tal disposição dos espíritos coloca um Reino em um estado violento,

porque um Príncipe que se persuade que os sectários são como os inimigos de sua pessoa & de sua prosperidade, como os inimigos de sua Religião, aplica-se em todas as suas forças para oprimi-los. Ele só pode conceber ódio contra eles, quando pensa que eles desejam a ruína de suas frotas & de seus exércitos, porque eles esperam que o infortúnio Público não permitirá que se persiga-os, nem que se dispense de abusá-los. [Cólera de Henrique II contra seus súditos Protestantes que estavam regojizados da batalha de Saint-Quentin.] Nada encolerizou mais Henrique II contra seus súditos Protestantes (c)³¹ que ter acreditado que estavam bem regojizados da batalha de Saint-Quentin, & que isso devia (d)³² engajá-lo a concluir com a Espanha (e)³³ o ignominioso Tratado de paz de Cateau em Cambrésis. Nada indigna mais o Papismo que crer que a morte trágica do mesmo Rei (f)³⁴ cobria-os de alegria, enquanto ela acabrunhava de tristeza os outros Franceses. As estrondosas desgraças que colocam em luto uma Nação são principalmente sensíveis a uma causa que se representa (g)³⁵ que os inimigos do Estado abandonam aos gritos de alegria mais insultantes & os mais soberbos. Entristece ainda mais imaginar que há na própria Nação uma seita que regozija-se secretamente das adversidades públicas. Credes, Senhor, que de tais coisas possam ser mediocremente perniciosas às Sociedades? [Porque Sélím quis matar todos os Cristãos de seu Império.] Sélím, após a perda da batalha de Lépante, tinha resolvido matar todos os Cristãos de seu império na Europa, porque ele ouviu que eles diziam que um certo prodígio que tinham visto era um presságio que Constantinopla em breve retornaria sob o poder dos Cristãos. Ele compreendeu que a desolação pública era sua alegria particular, & estava indignado por eles ousarem testemunhá-lo por esperanças insultantes. Eles quiseram puni-lo: afastam-no

²⁸ (a) Quando os Heréticos se revoltaram tantas vezes contra seus Soberanos legítimos, que eles fizeram livros condenáveis para justificar essas revoltas, que eles desolaram os Reinos através de tantas guerras sangrentas, arruinado tantas Igrejas, queimado tantos corpos de Santos, matado tantos Religiosos & Padres por crueldades bárbaras, como eles fizeram tudo isso para sustentar a sua Religião, não pensaram fazendo com que eles ofendessem Deus. Arnauld, *I Dissertation du Peché Philosophique*, pag. 34-35. (N. do A.).

²⁹ No original "Connétable". No Antigo Regime, era o Grande Oficial da Coroa, chefe supremo do exército. (N. do T.).

³⁰ (b) Varillas, *Hist. de Charles IX*, pag. 41. Ed. De Holl., 1686. (N. do A.).

³¹ (c) Ver a nota D de seu artigo no *Dictionnaire Histor. & Crit.* (N. do A.).

³² (d) Ver a mesma nota letra (l). (N. do A.).

³³ (e) Ver a nota C do mesmo artigo. (N. do A.).

³⁴ (f) Ver o mesmo artigo, nota O da 2ª Edit. (N. do A.).

³⁵ (g) Apliqueis a isso essas palavras da queixa de Davi sobre a morte de Saul: *Não digas em Gath, nem leves as novas às praças de Askelon, com medo de que as filhas dos Filisteus aí não regozijem-se, com medo de que as filhas dos incircuncisos aí não iluminem-se.* II livro de Samuel, cap. I, t. V, 20.

habilmente. (h)³⁶ [*Máxima dos Chineses contra os Missionários Cristãos.*] De resto, a qual faleiros é empregada na China contra os (i)³⁷ Missionários do Papa. Examineis, por favor, se aí deve-se ter mais respeito ao que afetam declarar, *que um dos principais artigos da Lei que eles ensinam, obrigando os súditos a serem perfeitamente submissos a seu Soberano, & à manter-lhe uma fidelidade inviolável, pode-se assegurar de sua fidelidade & da que eles não deixarão de inspirar a todos os seus discípulos.*(k)³⁸ Há muito tempo que a prática desse dogma dos Cristãos é muito negligenciada por toda a parte onde as forças não faltam-lhes.

Eu não saberia imaginar que aí tenha Políticos bem esclarecidos, bem intencionados, que considerando somente a segurança & a tranquilidade do Estado, não julgassem que não saber-se-ia desejar melhores súditos que aqueles que assemelhar-se-iam a alguns Povos da África, que sendo interrogados (l)³⁹ *qual era a sua Religião, responderam que ela consistia em bem obedecer ao Rei & a seus Governadores, & que eles não incomodar-se-iam com mais nada.* Estou persuadido que o Imperador da China conta mais sobre a fidelidade dos Letrados que sobre a dos Idólatras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAYLE, Pierre. *Œuvres diverses*. La Haye: Compagnie des Libraries, 1737, t. III.[1-2].

_____. *Réponse aux questions d'un provincial*. Rotterdam: Reinier Leers, 1707, t. IV. [versão fac-símile].



³⁶ (h) Ver as adições *alla terza parte delle istorie del Mondo* de Mambrino Roseo, liv. R ad ann. 1571, pag. m. 417-418. (N. do A.).

³⁷ (i) Eis o que eles publicam, pag. 144, 5 *Recueil des Lettres Edificantes & curieuses*. “Os Chineses recorrem a projetos de política & alguns são bastante simples para imaginar que venhamos a tramar mudanças no Estado, & por intrigas secretas, tornamo-nos mestres do Império. Por mais extravagante que seja essa suspeita houve, & é de temer que aí não tenha ainda pessoas capazes de concebê-la. Yam-quam siem, o terrível inimigo da Religião Cristã, que fez sofrer o Padre Adam Shall uma tão cruel perseguição & que queria envolver todos os Missionários na ruína desse grande homem, impusera-lhe este crime assustador. Esta acusação encontra dívida nos espíritos naturalmente suspeitos & cheios de sombras: & se a mão de Deus, por prodígios inesperados, não tivesse desconcertado o projeto deste ímpio, seria feito por nossa santa Lei & Predicadores que a anunciassem.” (N. do A.).

³⁸ (k) Ver a 6 Compilação das mesmas Cartas, pag. 140-141. (N. do A.).

³⁹ (l) *Voyage de Guinée* por Guillaume Bosman, carta 22, pag. 501-502. Edit. de Utrecht, 1705. (N. do A.).